

## Sic semper tyrannis

Chegou o momento no que defender o obvio custa já trabalho. Mas nessas estamos alguns e algumas de nós, sem referências, procurando informação noutros lugares, noutras cidades, falando com compas doutros espaços, doutros momentos, buscando nos livros ou na internet para podermos entender o que aconteceu o sábado passado no Centro Social Ocupado Aturuxo das Marias. Mas essas búsquedas, polo que a mim respeita, nom tivêrom êxito nenhum.

Ao melhor a origem está nas *experiencias guiadas* do Partido Humanista ou noutras técnicas que buscam favorecer a coesom grupal ou provocar umha “crise” que favoreça a aceitação de determinadas normas. Todo isto só conduce a práticas sectárias. Ou a dinâmicas de grupos *New Age* que se vam das maos, ou a performances teatrais tipo “scape room” nas que o “público” está dentro do espectáculo. Nom sei se havia algo simbólico no que se fixo. No castigo.

Era umha dinâmica de grupo que buscava questionar os privilégios, fazendo sentir aos privilegiados em pouco tempo como se sentem aqueles que nom os possuem? Se alguém pensa que o que passou era isso de “que se sintam um momento como tantas vezes me tenho sentido eu” que entenda que isso nom é normal nos grupos políticos radicais. Ainda que se pense que o pessoal é político.

Se alguém desta lista estivo nessa sala e nom tem pessoas próximas -amigas ou amigos da infância ou adolescencia, familiares, geste sem militança ou activismo mui reconhecido- com as que poder falar porque todas as suas relações pessoais giram em torno ao mesmo grupo de pessoas e nesse grupo escrita termos para se referir a estes feitos como: “foise-lhes das maos”, “nom pidem tanto”, “recebemos um castigo”, “mais lhe doe a quem organizou isso”... Ou loucuras semelhantes animo a que comece a reflexionar sobre as suas realços pessoais.

A ti compa, se a militança política e o activismo nom che fai feliz, se nom fas coisas com alegrias, se todo se reduce a sair pelas noites, a resacas chungas e a dinâmicas de delaçom e conspiração permanente, a pensar castigos e listagens e a fiscalizar cada umha das cousas que fas a nível pessoal, ou seja se a “política” se tornou tanto para dentro que só se trabalha e fai activismo no que o pensamento burgués denominaría ámbito privado -nom sei se Kate Millet se referia a isso quando pensou aquilo do pessoal é político, mas de ser isto ao que se referia eu discrepo- é que tes/temos um problema em Compostela.

A loucura, ou delírio de poder, do que aconteceu parece ser tam grande que em breve já ninguém vai querer nem sequer falá-lo.

Eu nom estivem dentro. Ao começo neguei-me a crer o que me estavam a contar. Isso que contavam nom era possível. Violência física num centro social da cidade. Ou seja violência física... Isso nom seria novidade, óbvio. Nom. Violência, e nom só física, mas desta volta organizada, coreografiada, escenografiada, executada, e todo iso, suponho, pensado por umha vanguarda autoerigida.

Ou seja, por partes... Alguém preparou umha sala, buscou umha sala suponho, tivo a idea de buscar umha sala. Alguém buscou fotos de (cantos? 100?) activistas de diferentes organizações ou entidades de Compostela (ou do País?). Alguém (umha compa entendemos, umha pessoa activista) imprimiu essas fotos em branco e preto. Alguém colou essas fotos nas paredes ou onde seja que se colárom e escreveu o nome de cada umha das pessoas fotografadas... ou estavam já escritos esses nomes. Alguém tivo que escrever um texto e pensar a escenografia: o de ter á gente esperando fóra um tempo, o de chegar e ordenar que passarem para dentro, o de meté-las nessa sala e o de deixá-las dentro “soas” mirando as fotos penduradas para que reflexionassem. Acho que essas cousas alguém as pensou ou foram saíndo espontâneamente? Estava pensado isso ou estava a ser improvisado?

Logo já polo que me contarom -nom sei se é um invento- alguém tivo que pensar que já postos era o momento de fazer um obradoiro e “sugeri” assinalar com um ‘rotu’ aos agressores (nom sei se esta é a palavra). Essa idea tivo que ser de alguém, quiçá dum grupo? Todo isto estava imitando umha esquadra policial? Simulava umha comisaria? Tratava-se de fazer sentir ao “outro” como se sente um? Inversom de roles? De privilégios? Já se estava a ir das maos ou ainda nom?

O de ler um (ou dous, nem ideia) manifesto estava previsto? Umha declaração de guerra contra as pessoas activistas ali reunidas que alguém escreveria antes. Estava-se indo já das maos? Ou já se fora cando alguém sacou a umha pessoa a hostias porque sobre a sua foto ao parecer escreveu dous interrogantes. Isto nom podó cré-lo, costa-me trabalho crer isto, a sério. Bater nalgúem, numha pessoa que conheces, com a que militache, ou com a

que saiche pola noite. Mas máis traballo me custa crer que quem bateu nessa pessoa nem sequer a conhecia. Que mecanismo fai que podas bater numha pessoa desconhecida durante um ritual preparado de antemão? Mas nom pode ser certo digo eu. Se o é hai um problema.

Um problema que som dous problemas, porque ademáis de quem bate está quem nom detém imediatamente a “performance” que se estava a ir das maos. Está quem mira –quem mira– e suponho que está quem quieria pará-lo e tivo medo –compa se este é o teu caso, pide ajuda a umha amiga ou a um amigo que ande fóra do rolho, a um desses que conheces de toda a vida e conta-lhe onde estiveche esse sábado e como passache a tarde.

Imagino que bater e cuspir estava fóra dos plans, ou nom? Mas o que nom sei é se o “túnel” –com mais batidas– do final estava premeditado ou nom e se as patadas gratuitas eram para que as persoas activistas soubessem o que é estar abaixo, nom ser nada.

Nom gostaria de ter estado na reunião na que se planificou umha grande parte destas cousas. As reuniões antes eram para outras cousas: colar cartazes, discutir textos, artelhar mobilizações... E outras vezes para pensar cousas terríveis, erros, equivocaciones... Mas isto?

Sei que houve bágoas de raiba na parte convocante, que tem que haver muito sofrimento e muita ira para que poida acontecer algo assim e até lhe poida parecer normal ou um “excesso revolucionário” a umha parte do movimento. Só desde esse lugar onde se acubilha a vingança e a dor pode planificar-se e executar-se algo assim contra compas. Porque eram compas e amigos.

Nom sei se se pretendía fazer um espectáculo teatral ou a ideia era fazer um castigo público.

Escrevo castigo público e FLI-PO

Ao contar isto a pessoas achegadas, algunha delas militantes ou activistas dos movimentos sociais de outras cidades, sempre me saem com: “E ninguém marchou? Ninguém se rebelou?”.

Som demasiadas perguntas. Como se puido chegar até aqui? Quem lhe deu poder a essa organização de vanguarda para começar com os castigos públicos?

Pessoas que estivestes ali dentro, a sério, falade com as pessoas mais achegadas que tenhades de fóra do “rollito”, se nom redes a ninguém assim, buscade ajuda porque acabades de entrar de cheio numha dinámica sectária.

Roi Ribeira